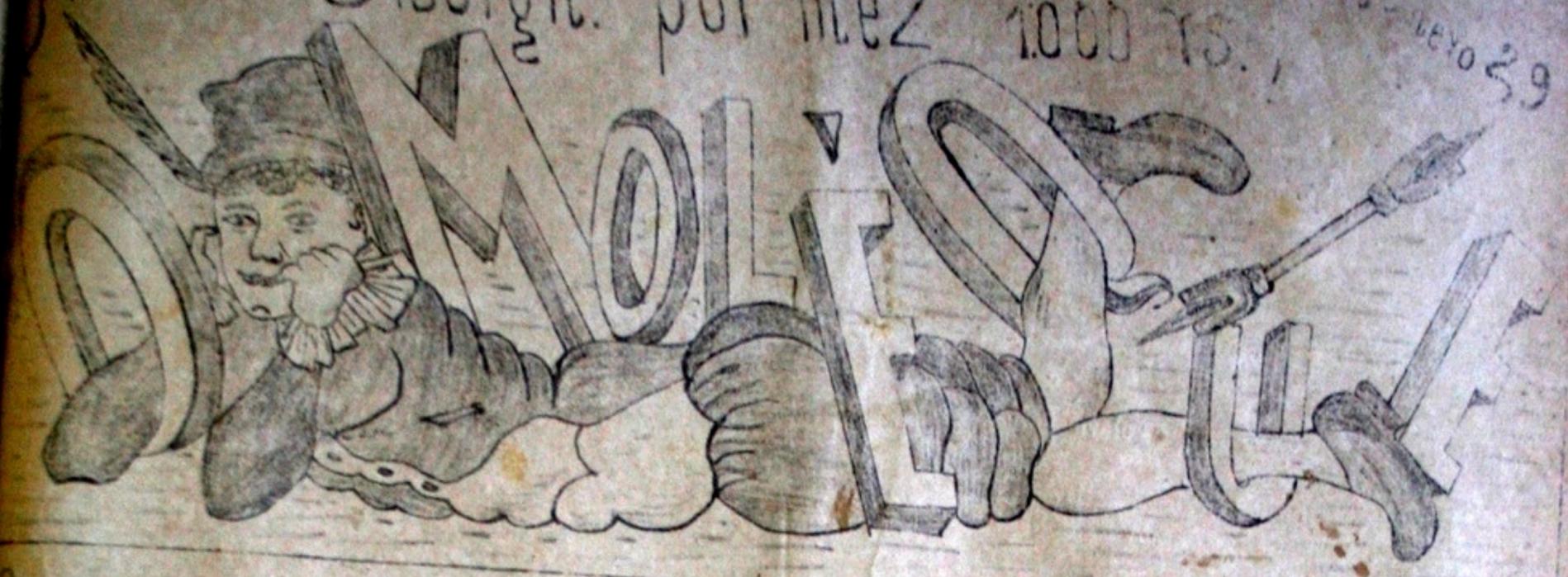


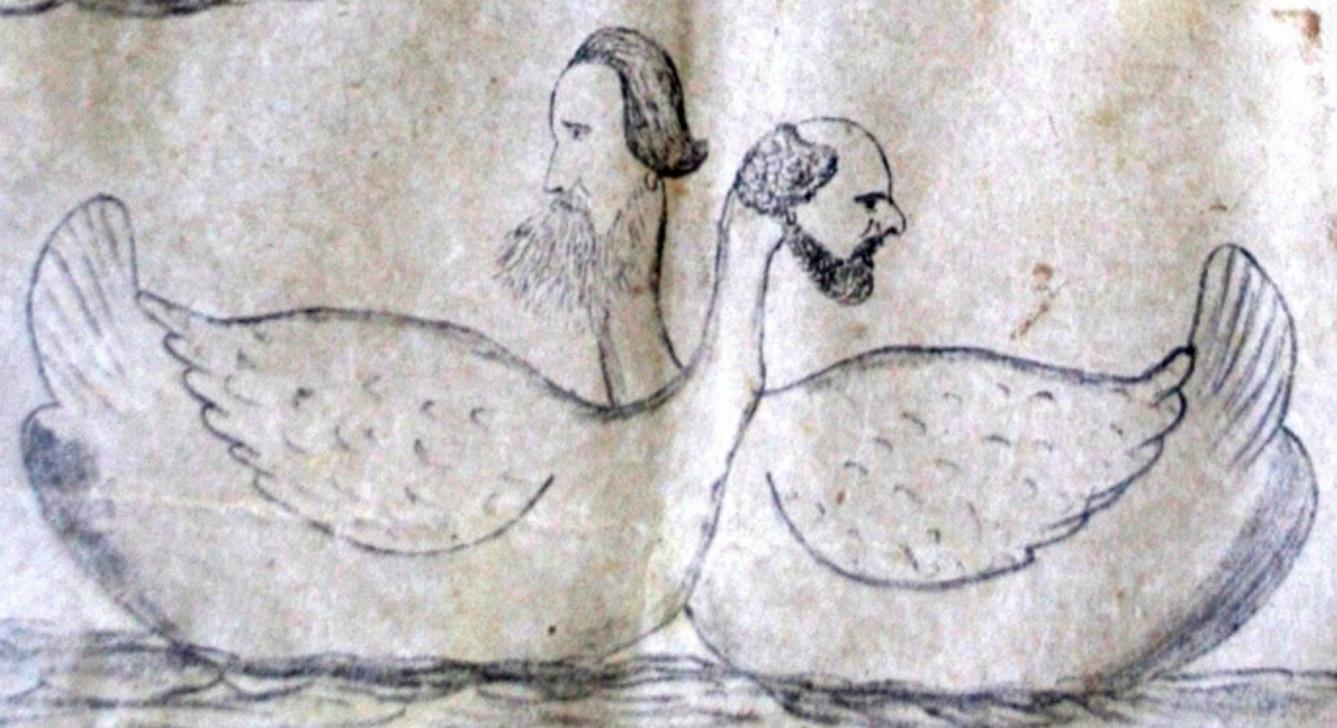
Anno 1º

Assign. por mez 1000 rs.

1829



Redacção de Cruze e Souza. Propriedade de uma Associação



PARLAMENTO

A figura dos nossos representantes na Assembléa Legislativa.

Desterro, 5 de Julho de 1885.

Zigue-Zagues

Não se falla mais no Club Abolicionista. Aqui nesta terra as ideias não chegam a tomar as proporções de borboleta, ficam na lagarta.

Ha uma sombra enorme de indifferntismo que opprime e entenebrece tudo.

Como que não existe aspirações.

Não se faz nenhum ensopado mais ou menos soffrivel sem o tempero da politica que promove todas as cousas, que as eleva ou que as abate.

Vive-se n'uma lethargia e despreendimento de gosto, para aquillo que è util e bello.

Não se conhece nem se admite o dever.

A iniciativa para o progresso è um problema insolúvel.

Quem evolue e quem progride, è sempre um tolo, um pedante, um empolado.

Nada de analyse no fundo de qualquer questão social, scientifica ou litteraria.

Convenção por toda a parte, impostura, hypocrisia, *ficelles*.

Ridiculo para o que è analyticamente valioso, applausos para a banalidade es-

terna que se quer universalizar as chapas hediondas, pifias, que

idèa exacta do que se quer ex-

tem são aproveitadas nos cert-

intellectuaes hodiernos. X

Fallar-se em Abolicionismo aqui è um caso tão estupendo como os phenomenos pathologicos a cujos estudos esta terra precisa prestar-se.

Realmente só um phenomemo de pathologia ou um exame ethnographico, isto è, da raça, usos e costumes desta nossa gente, nos daria uma comprehensão dos elementos de desenvolvimento, de animalidade, de encephalagia, que influem, de uma forma tão poderosa e cruel no seu organismo vital.

O meio, o temperamento, as condicções de vida, a hygiene, o oxigenio, principio gerador do acido, alicerce do ar da vitalidade, uma das particulas da agua, o azote, maravilhoso fluido que prepara a composição do ar atmospherico que tem influencias inevitaveis com os pulmões e com o sangue, o clima que produz nevroses ou irritabilidades sanguineas, tudo isso que a philosophia moderna observa, firmada nos preceitos da verdade racional, nos factos e nos principios que lhe estabelecem as geneses cosmonicas, são as

causas primordiaes do nosso atrasamento e incuria moral e espirital.

E' tão claro, tão direito, tão logico, tão mathematico isso, que ainda não vingou aqui, livremente, a semente que se atira, nesta terra improductiva, calcarea, pedregosa.

Não ha picaretas que derrubem os medonhos muros de bronze, da inepecia e da indifferença.

Se ha enthusiasmos, são *ad hoc*, começados de vespera, estudados, pensados, ensaiados de modo, a ter no dia um resultado satisfatorio e brilhante.

Não se conhece a deducção e intuição natural

São cousas que nem sequer vegetalisam nesta grande estufa catharinense.

O Egoismo se nos proporeciona, como um polvo enorme, cujos tentaculos vermelhos, absorvem tudo, tudo...

Não palpita a paixão religiosa pelos assumptos de progresso.

O Estomago e a algibeira, são os generaes em chefe em todos os commettimentos.

A vanguarda lhes pertence, de muito. Paira sobre todos a tremenda duvida do Hamlet, o sympathico principe de Dinamarca, que vara todas as consciencias como um milhão de espadas frias e agudas, na phrase de um escriptor da Peninsula.

E è por isso que o Club Abolicionista, como tudo o que tiver uma aspiração, um fim bonito, uma idèa vibrante, rubra, com èchos sonoros e fortes de clarins de batalha, cheirando á polvora da evolução, á dinamite do progresso, ao petroleo da liberdade, igualdade e fraternidade—essas tres auroras da communhão social, essa consubstanciação dos povos,—è por isso que tudo, aqui, neste torrão... essencialmente catholico, apostolico... catharinense, está dentro desta palavra, sinistramente esmagadora:

Tumulo ! ! ! !

Zé K.

Como um seysne, est'alma frisa
o mar de luz de teus olhos,
ó sympathica Adalziza
como um seysne, est'alma frisa,
vagueia, paira, deslisa
sem naufragar nos escolhos
como um seysne, est'alma frisa
o mar de luz de teus olhos.

Zat.

OUTRO AMAVEL MILAGRE

(Continuação)

Depois annuindo em Sichem do Rabbi de Galiléa, que alimentava as multidões, e emendava todas as desgraças humanas, Obed, homem lido, pensou consigo que o Rabbi era um d'esses feiticeiros que maravillhavam a Judéa como Appollonius, o da voz de bronze, e o subtil Simão de Samaria. Esses, mesmos nas noutes escuras, conversavam com as estrellas; e sabiam as palavras que afugentam de sobre as searas os moscardos negros gerados nos lodos do Egypto. Jesus, mais poderoso que Appollonius, mais subtil que Simão, sustaria a mortandade dos seus numerosos gados, e faria reverdescer as suas muitas vinhas... Obed chamou os servos, e ordenou-lhes que fossem buscar o Rabbi ás cidades de Galiléa.

Os servos apertaram os cintos de couro, e largaram correndo para o norte, pela estrada das Caravanas que conduz a Damasco. Uma tarde avistaram, sobre o poente vermelho, as neves do monte Hermon. Depois o lago de Geneseth resplandeceu diante d'elles, espelhado, azul celeste, e calmo na frescura da manhã: um bando lento de cegonhas brancas cortava o céu claro, voando para os lados de Safed; a cidade nova de Gamala tinha um doce brilho de marmore, entre as verduras; e a agua, transparente, e sem murmurio, banhava os pés das hervas altas e dos aloendros em flor. Um pescador que ali desamarrava preguiçosamente a sua barca, disse-lhes que Rabbi deixára a Galiléa, e partira com os discipulos para o lado de Galaad, para onde desce o Jordão.

Os servos seguiram, correndo, sem repouso, até o sitio onde o Jordão, mais baixo, tem um largo remanso, e dorme um instante, immovel e verde, á sombra dos tamarindos. Da entrada d'uma cabana, feita de rama, um Essenio, coberto de pelles de cabra, soturno e selvagem, gritou-lhes que Jesus, sósinho, se afastára «para além». Mas aonde era «além»? O Essenio, com um gesto brusco, indicou vagamente as montanhas da Judéa, Engaddi, e as fronteiras róxas do reino d'Asketh, onde se ergue, sinistra sobre o seu rochedo, a cidadella de Makaur. Mas debalde os servos arquejantes procuraram até ao paiz de Moab. Jesus não estava ali. Um dia, já na volta, um Escriba, que recolhia a Jericó, passou por elles montado na sua mula.

Os servos d'Obed rodearam n'ò, perguntando-lhe se encontrara um propheta de Galiléa, que fazia milagres.

(Continúa)

Emilio Zola

(NOTAS DE UM AMIGO)

Traducção de A. C.

II

Infancia em Aix

(Continuação)

Emquanto que essas duas mulheres se entregão aos cuidados da vida corrente, o pequeno Emilio, sempre entre ellas, mette o nariz por toda parte e quer tudo ver.

Tanto peor si suas mãos estão seguidamente seguras pela presença do criadinho curioso, que as retém, que, então, lhes impõe suas vontades! Não se deve contrariar-o, a este querido bambino, impellido, inda tão criança, pela desgraça! Tal é o seu systema de educação.

Para isso, diante de sua morada do beco sem sahida Sylvacanne, está um vasto jardim. Plena liberdade tinha o pequeno para correr nas avenidas, para rolar na relva, na terra, para sujar as mãos e sua roupa. Tudo, desde que não lhe fizesse mal.

Um menino, crescendo assim, sem outra direcção, senão a de uma roseira, não podia ser muito precoce. Aos sete annos e meio Emilio não sabia nem A nem B. Uma manhã, então, as duas mulheres mudão de idéa, tomão resoluções.

O proprio avô tem parte na deliberação. Não se deve deixar, por muito tempo sem instrucção o filho de um engenheiro. Não o será elle, no futuro? O procurador de causas e advogado, que promettem montes e maravilhas, enganão-se talvez; nos processos muitas vezes pôdem sahir mal. E quem sabe si não ha n'essa cabecinha de olhos requebrados, já reverberantes, de nariz fino alguma cousa de conjunrar, um dia, a dureza da sorte e a injustiça dos homens?

Falla-se em pol-o no collegio.

«Ao collegio, intervem e n'tã o maman Aubert, irá mais tarde, quando fizer sua primeira communhão.

Eu me encarrego de tudo...

Dai-m'o até amanhã».

E, de chapéo na cabeça, a activa e velha mulher vae em busca de uma casa de educação.

No dia seguinte, Emilio entrava na casa de educação. No tre-Dame, sustentada por M. Isoard.

Estabelecimento bem modesto, que existe em Aix.

Ignoro o nome do successor de Mer. Isoard, que continúa a dar a instrucção primaria ás crianças da pequena burguezia da cidade.

Mas, na minha ultima viagem à Aix, lembro-me ter passado em frente á Notre-Dame.

Uma vozzeria alegre de rapazes, no recessio, chegou até mim.

(Continua)

Poemas

VII

Plenilunio

Vês este céo tão limpo e constellado e este luár que em fulgida cascata, cáe, róla, cáe, n'uns borbotões de prata... Vês este céo de marmore azulado...

Vês este campo intérmino, encharcado da luz que a lua aos páramos desata... vês este véo que branco se dilata pelo verdôr do campo illuminado...

Vês estes rios, tão phosphorecentes, cheios d'uns tons, d'uns prismas reluzentes, vês estes rios cheios de ardentias...

Vês esta mólle e transparente gase... Pois é, como isso, me parecem quasi iguaes assim as nössas alegrias!

Cruz e Souza

Piparotes

Apesar de todos os pesares... pesarosamente para a hygiene publica, continuam os bambús, a ensombrar a rua do Costa.

Realmente o Sr. D. Fiscal de la Mancha e o Sr. D. Vidal Fuertes de la Camera, são cidadãos que merecem ser empalhados ou... embalsamados ou ainda mais.

Se os bambús, tivèrem S.S. na altura de uma manifestação, devem fazê-la, dando-lhe retrato a oleo, mandando vir da Côte a musica dos allemães, propria para isso e... offerecendo-lhe... um profuso cópo d'agua. (Chapa 999999.)

Quèr-me parecer até que ambos são dignos de uma apothese e... vamos, meus respeitaveis bambús, nada de ingratição para aquelles que sympathisam tanto com a vossa digna e appetecivel côr verde, vamos, uma sessão na praça Barão da Laguna, uma procissão civica, conduzindo em andôres os gostosos festejados, um Te Deum em todas as igrêjas, uma menção honrosa, como de congratulação a S. M. primeiro, o Grão Duque Bambú Maior que reina na suprêma graça do thrôno celeste, por todos os séculos dos séculos, uma *marche aux flambeaux*, feita pela mnito alta, muito digna e muito verde phalange de todas as arvores, de todas as floréstas e... de todos os capins.

Vamos, dignissimos bambús, pessoas muito amaveis e circumsflauticas, heróes que na guerra de Tróia haveis triumphado de Adão.

Sublimes tribunos que encontrasteis nos mares do Egypto a barca de Noé, conduzindo Victor Hugo ao Pantheon.

Felisardos que quando Homero foi pasteleiro, nem sequer desteis um pastelsinho só a Eva, quando ella esteve no Sacco dos Limões.

Prestimosos da patria que, quando o nihilismo appareceu em 1500 no Brasil e já na Russia Pedro Alvares Cabral descobria a America, sentieis o ultimo terremoto da Andalusia, abalar as montanhas da Allemanha, presidida por Pharáo e mais tarde por José dos Papeis, esse energumeno hermeticamente fechado pelos fundos de gravidade, eu vos empraso a uma ovação ao Bey...de Tunis, não,

quero dizer, ao Bey...da Camara.

Sim, Bambús, a felicidade dos povos, está consubstanciada em vós outros que sois o orgulho dos irracionais que não se fartam das vossas folhas verdes. Sim, deveis, nesta questão bambusal, provar o vosso reconhecimento para com aquelles que nos annaes da historia...sabem como se conta a historia.

D'aquelles dous, que direi eu, daquelles dous frascos de essencias puras, daquelles gorillas, d'aquelles genuinos e *ipsis verbis*. (isto é latim; cuidado com os cães.)

Avante, bravos e altos bambus, é para essas homenagens *sui generis* (isto é latim) que vós cresceis à altura de um...fim, que é, dar sombra na rua do Costa.

O Trac espera de vós toda a adhesão a esta causa festeira.

Portanto é dar para a frente:

Içar bandeiras, estourar foguetos de rojão e...tocar o hymno de D. Rei Bambú Primeiro que proclamou a Victoria dos chimpanzés segundos, irmãos dos quartos e...primo das...salas e das cozinhas.

E todos vós, meus sympathicos bambús, que são uns rapazes picodericos e miasmáticos, bradarão n'uma só voz:

Vivô, vivô, vivô, ô, ô, pra, pre, pri, si, si, den, den, te, te, te, re, ré, da, da, ca, ca, ma, ma, ra, ra.

Chua, Chua!! Chim bùm!

Pirofôto que late, bate, pirofôto que já bateu!!

Vivô, vivô nhonhô Vida.

Vivô, seu Mauêca da Sirva!!...

O sr. João do Prado Lemos, deu liberdade a cinco escravisados.

Magnifico.

Só por isso S.S. tem todo o direito à um aperto de mão do Moleque.

E, venha elle, o aperto de mão, franco, sincero e robusto como o acto do digno negociante.

E andar assim que é bom.

Applausos, applausos.

Club Litterario....

Club Litterario....

Club Litterario....

Club Litterario....

Pois, Srs., formou-se um Club Litterario no Desterro.

Pois, sim srs, sim, seus fundadores, a profundem-se bem no fundo do Club e joguem com a idéa, dextramente, como David, com a funda.

Porque afinal de contas, cá o Moléque, só lhes deseja...pro...gres...so...e...cons...tan...ci...a...

E só isso; para que mais?!

Não é?

Trac

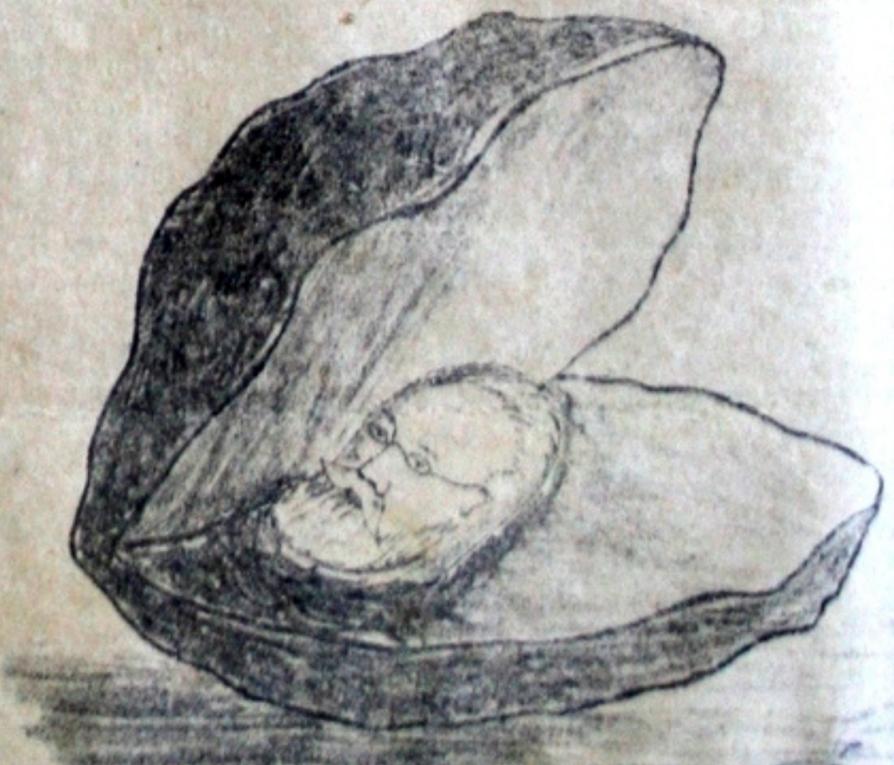
Merece o bom do Vidal que é mesmo um Joca de truz, ter tambem com o seu Fiscal, merece o bom do Vidal um banquete bambual, de cem milhões de bambús, merece o bom do Vidal que é mesmo um Joca de truz!

Zot.



O sr. Lemos, nos 5 dias de presidencia, divertiu-se a grande.

Por mais que corressemos não assistimos a desembarque do S. E.



Apenas se tomou posse, o sr Crespo igouo pavilho de brava gente liberal em Palacio,

voltando por isso o D^o Raposo ao antigo estado.